

FONTE : JB

CLASS. : Yanomâmi

DATA : 20 6 89

PG. : 12

Corrida do ouro causa morte dos índios em Roraima, diz comissão

BOA VISTA — Os garimpeiros que invadiram a reserva dos índios ianomâmis, em Roraima, estão contribuindo para o extermínio de uma civilização que não tem como se defender dos impactos da corrida do ouro. O movimento Ação pela Cidadania, que congrega advogados, ecologistas e representantes da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), OAB, CNBB, ABI, Associação Brasileira de Antropologia e parlamentares, percorreu as áreas de garimpo em Roraima e constatou a dramática situação dos índios. Segundo documento divulgado ontem, os indígenas estão sendo exterminados pela presença do branco e pela ação do governo que, depois de reduzir o território tradicional em 19 áreas, omite-se diante da invasão dos garimpeiros.

A comissão visitou as áreas ianomâmis de Surucucus, Paapiu e Surumu (hoje transformadas em garimpos), transportada por avião da FAB, do dia 9 ao dia 12 último. O documento divulgado ontem denuncia que a invasão das terras indígenas por 40 mil garimpeiros desagregaram a sociedade ianomâmi. Os índios enfrentam doenças dos brancos, malária, violências e fome. Deixaram de caçar e plantar. Os adultos perambulam pelos acampamentos brancos comendo açúcar e bolachas e as crianças choram de fome nas malocas.

Genocídio — “O que está acontecendo com os índios de Roraima é um verdadeiro genocídio”, afirma o documento da Ação pela Cidadania, que, além do problema ianomâmi, classifica as agressões de fazendeiros contra os índios macuxis, no cerrado, como “operação guerrilha”. Segundo o deputado federal Plínio Arruda Sampaio (PT-SP), que participou da missão, a situação em Roraima “mostra a desatenção histórica do governo brasileiro pela causa indígena”.

“Os ianomâmis, macuxis, uapixanas, ingaricós e taurepangues estão sofrendo violências e invasões contínuas em suas terras. Eles não estão conseguindo sequer a demarcação daquilo que representa a própria vida, que é a sua terra”, disse o advogado Luís Eusébio, que também participou da missão, em carta dirigida aos jornais de Boa Vista.

Os membros da comissão ficaram particularmente chocados com a situação em Paapiu, que compararam ao Vietnã, durante a guerra. “A pista aberta a 50 metros da maloca produz um barulho infernal de aviões e helicópteros. Contamos quatro helicópteros. Garimpeiros, contrabandistas e aventureiros entram e saem sem controle de ninguém. O posto da Funai foi abandonado e arrombado. Latas de cerveja, medicamentos e papéis rolavam pelo chão. A pista foi aberta com dinheiro público pelo projeto Calha Norte, para garantir a segurança nacional e assitir as sociedades indígenas. Mas os garimpeiros tomaram conta e o governo e a Funai estão tristemente ausentes”, conta o coordenador da comissão, advogado D’Alambert Jacoud.

Mendicância — O impacto sócio-ambiental é violento. “O barulho da pista afugenta a caça. Alguns índios são cooptados e o resto perambula sem rumo. Os riachos estão sendo poluídos com mercúrio e há um grande número de quitandas improvisadas usando os igarapés dos ianomâmis. Os índios estão à mercê de um contato desorganizado, das doenças dos brancos e reduzidos à mendicância”, afirma Jacoud.

A comissão viajou com intérpretes e também conversou com um ianomâmi que fala português. “Encontramos índios com malária. Eles suplicavam remédios. De dia, reclamam dos garimpeiros e do barulho dos aviões. De noite, as crianças choram com fome. Eles estão sofrendo com doenças e inconformados”, explica D’Alambert Jacoud.